



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. telegr. Taha—Lisboa—Telefone: 7  
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## PLANOS E PROGRAMAS

Tendo atingido já a situação do país um grau de profunda ruína que não é possível pensar noutra coisa, vemos que políticos e governantes, vislumbrando enervadamente a gravidade do momento, falam em planos de reforma que, duma maneira radical e eficaz, sanarão os nossos males económicos e conduzirão o país à prosperidade e à abundância.

Aguardar com fé a realização desses planos seria ingenuidade rematada, só adequação a criaturas de visão deficiente e incapazes duma elucidativa análise retrospectiva à vida política do país, do há uns anos a esta parte. Um plano de reconstrução económica, cuja realização fosse capaz de remir da miséria um país como o nosso, chegando a um profundo estágio de decadência, é uma obra gigantesca, incorporeável nas faculdades limitadas de quem hoje por bambúrio nos governa. Mais ainda esse plano é inconcebível e irreizável. Quando a moléstia alastra e se aprofunda não há remédios que prestem. Pode atar-se um pouco o avanço do mal. Debelá-lo é impossível. Mas nem mesmo essa limitada vitória que seria a localização do afluente, a consequência os reclamados planos governamentais. Esses planos nem chegam a ser um paliativo. São simplesmente uma palavra.

De maneira que o afluente operar-se há integralmente, seguindo o curso iniciado. Afluente, bem entendido, das vigentes fórmulas políticas. Há uma coisa que estava periclitando, o abalo da guerra arrazou-a irremissivelmente: trata-se da organização burguesa. Não circunscrevendo o nosso campo de observação às fronteiras nacionais vemos que a organização burguesa se tem mantido ultimamente e se mantém ainda à custa de constantes transigências, de consecutivos recuos, como os dum inimigo que, forçado a abandonar posições, quisesse dar à sua fuga o aspecto honroso duma manobra estratégica.

Os planos miríficos dos governantes, que até às classes burguesas inspiram já uma desconfiança profundíssima, representam apenas o esforço infucundo para tranquilizar sobressaltos burgueses, e velar espessamente o profundo abismo à beira do qual os interesses e privilégios capitalistas se debatem. Pior para os burgueses, que a queda ser-lhes há assim mais dolorosa pelo imprevisível.

O melhor, o mais conveniente, seria declarar aos governantes que já se não entendem com a tarefa do que estão encarregados, que já não veem furo na questão, que já são impotentes para dar volta ao problema social, dada a magnitude que ele revestia.

Realmente, uma só força pode hoje salvar o mundo da sua imminente perda: Essa força é a do trabalho, organizado, emancipado, entregue sem peias e sem paratagens às suas gloriosas realizações. Essa força é a do sindicalismo, quer como uma organização político-económica suficiente, quer como uma filosofia social triunfante. Tudo o que não seja isto está expirando longamente e não provou.

A organização burguesa gira em dois eixos: exploração e coacção. Os agentes da exploração impedem e reduzem as faculdades produtivas; os agentes de coacção sobrecarregam as sociedades duma parassitagem soffega, verminosa voraz, que, tira ao organismo social todas as probabilidades de medrância.

Ora os planos governamentais, superficiais, balofos, não destinados a realizar-se, serão hoje o mesmo que ontem foram: hipocrisias palavrosas, máscaras de incompetência, disfarces da impotência que, de dia a dia se acentua nas fileiras políticas. Nada há a esperar deles. Mas como estamos a braços com dificuldades de varia ordem que é preciso, a todo o traço resolver, ocorre perguntar a todos quantos em Portugal não perderam ainda o juízo qual é o ponto de que esperam

## NOTAS & IMPRESSÕES

### SEXO FRÁGIL

No tempo em que havia eléctricos para todos, no abençoado tempo em que a Companhia dos ditos vigiava finalmente a cotação das plataformas, impedindo que fôssemos empilhados como sardinha em barrica, era do bom tom, de se delicadeza, de requintada galanteria uma pessoa levantar-se, se acaso ia sentada, e oferecer o seu lugar a uma senhora que estivesse de pé. Erguia-se a gente com o ar mais gentil deste mundo e buscando no repertório das amabilidades o sorriso mais hipócrita e a voz mais melifluamente falsa, descobria-se cavalheirescamente e convidava a dama, que quasi sempre era bonita, a tomar assento. Cabe dizer, entre parêntesis, que isto é já hoje muito raro—não sei porquê nem porque não. Adiante. Chamava-se a esta coisa, e ainda agora se chama, quando de ano a ano há leo para o fazer, delicadeza, correcção, boas maneiras... Pela parte que me toca declaro que fiz algumas vezes quando era menino e moço, sem bem me aperceber, todavia, dos motivos certamente ponderosos porque o fazia, mas supponho não andar longe da verdade dizendo que metia para af o seu bedelho aquela consciência que impele para a imitação todos os felinhos que querem ser homens antes de tempo. De, de quando em quando, o meu lugar a algumas eunhoras, envergadamente o confesso; mas desta culpa me penitencio, contrito, arrependidíssimo, porque hoje não o fazia, nem o faço.

Parece-me que tenho as minhas razões. Que me importa a mim que me chamem malcriado se eu procedo de acordo com a minha consciência? Com os mesmos argumentos de que se servem os bem educados lhes posso eu chamar hipócritas e farçantes porque eles nem tem sequer a coragem de esoterizar os impulsos primeiros do seu coração que lhes ordena um desculpável comodismo, um não te rales de mandarim, que são, afinal, clinicamente atraçados porque «parece mal» ficar sentados quando uma senhora vai de pé. E' o não é isto, senhores delicados? Todavia, ainda estou para vos vender o vosso lugar a uma trapeira que pertence, também, ao estafado sexo «frágil». O sexo frágil! O sexo frágil! Que imbecilidade! Ele, que em todas as manifestações da actividade humana, em todos os actos sociais, revela uma força incensurável, um poder enorme e inextinguível tem o nome de sexo frágil; nós, os que cavamos a terra e fazemos a barba; que passamos toda a nossa vida a adivinhar-lhe os desejos para os satisfazer incontinenti; nós que viemos ao mundo por uma cilada sua, para vivermos sempre—sempre, sim, nada de ilusões!—na sua dependência; que não temos outra missão na terra senão agradar-lhe, sorrir-lhe, amá-lo e cantá-lo em verso e em prosa; nós a

intervenção profícua. O operariado está orientado a esse respeito, e a pouco e pouco se vai compondo a importância da sua missão futura. Os que não acreditam na próxima predominância do trabalho, que expulsem onde reside a sua esperança.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Santos Chocano** O poeta peruano, José dos Santos Chocano, foi condenado a morte por questões políticas, porque defendia um determinado ideal. Repudiados a condenação, mesmo que defendesse ele um ideal contrário ao nosso e achamos natural, muito humano até, que os intelectuais de todo o mundo evidenciem os seus esforços a fim de Chocano não ser condenado.

Há dias a C. G. T. portuguesa também quiz evitar que violências fossem praticadas contra homens dignos que, além de terem um ideal, tinham famílias na miséria... e sabe-se o que sucedeu.

**No seu lugar.** O trono do kaiser foi vendido em New York, em hasta pública. Não sabemos quem o comprou, mas iam apostar dobrado contra o singelo que foi um milionário americano. A burguesia tudo pode. Ela é autêntica rainha desta época.

Não admira, portanto, que um milhão de gente se calga num trono de imperador. Não fará mais do que ocupar o lugar que o seu dinheiro usurpou... **Estará?** Segundo se já há dias na Capital, a modica quantia de 33 mil contos, sem contarmos com a guarda republicana, que ainda há pouco gastava apenas 17 mil contos. Examinando a nossa situação militar, provava o mesmo jornal existirem offi-

quem ele delicia voluptuosamente, e que até parecemos tristes quando os seus caprichos e as suas fantasias nos não distraem ou nos afligem, consoante se trata duma carícia ou dum vestígio, é que somos o sexo forte!

Ora, pois!... O facto, mesmo, de lhe cedermos o lugar demonstra à evidência o contrário. Sexo forte! Onde, perante as mulheres, somos nós fortes? Se nos cumprimentam nunca nos tiram o chapéu; nós é que nos descobrimos. Se, num teatro, estivermos num camarote, temos de mostrar a calva, se a ti-vermos; elas podem ocultar a vontade as suas faltas de cabelo. Se entrarmos num templo escorraçam-nos se não nos descobrimos; o sexo frágil está isento desse precalço. Elas são, com efeito, fisicamente mais fracas e o nosso braço ampara-as e protege-as, mas sabem que a sua fraqueza sustenta a nossa honra. Moralmente são-nos superiores, infinitamente superiores. A ausência da força física suprema em elas com a astúcia, que é também uma força muito mais terrível. Daí a nossa inferioridade. A força de Sansão aniquilou-a Dalila com a tesourada e Hércules, o colosso, foi envenenado por Déjanire. Por Helena se desencadeou a guerra de Troia e por Discórdia rebentaram as hostilidades no Olimpo. Além disso foi Eva quem introujou Adão. Reparem bem que nunca poderia ter sucedido o contrário.

Em todos os campos elas manifestam a sua vontade e o seu poder, o seu despotismo e a sua tirania deliciosa de rainhas. Mau grado nosso, sentimo-la e não podemos fugir-lhe, parecendo, até, que quanto mais ela se exerce mais felizes nos encontramos, a pontos de nos privarmos dum prazer em seu benefício. Mentalmente elas chamam-nos parvos, é que o somos, e por isso eu me fico muito quietinho no meu lugar, porque é triste ser parvo por tam pouco e ainda mais triste patenteá-las de modo tam claro a nossa submissão à sua indiscutível soberania. Esses que quasi sempre manhosamente, e sempre mal-humorados, cedem *sa place*, mais por tolema do que por polidez, são incapazes de fazer outro tanto se se trata dum velho ou dum estropeado, que pertencem, não ao sexo frágil, mas à categoria tam numerosa dos seres inferiores—da espécie humana.

Se, portanto, V. Ex.<sup>as</sup>, minhas senhoras, encontrarem algum dia num eléctrico—se tivermos o prazer de os tornar a ver—um cavalheiro novo, alto, magro, de bigode rapado e cara de pouca, como amigos, que não lhes ofereça hipócritamente o seu lugar, ficam desde já sabendo que esse patife sou eu.

**Antero de LIMA.** Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

## OS JULGAMENTOS DE EVORA

### Um crime monstruoso

**Cinco trabalhadores condenados a dois anos de prisão e seis a um ano**

A despeito da admirável defeza do nosso camarada dr. Sobral de Campos, a despeito de não haver provas jurídicas que atestassem duma maneira palpável e ineludível a culpabilidade dos réus, a maioria do júri consumou o crime. Dos trinta e um trabalhadores que foram julgados, apenas vinte foram absolvidos, os restantes onze foram injustamente condenados. Seis desses homens sofreram a pena de um ano de prisão correccional, que terminará no dia 16 do próximo mês visto que há quasi um ano que estavam presos e outros cinco, a quem deram provada a associação de malfatores, condenaram-nos a dois anos de prisão maior celular, isto é, dois anos de clausura!

Constitui este julgamento a maior das infâmias praticadas pela reacção. Certamente que esta empregou todos os meios para condenar esses homens contra quem nutre um ódio de morte. Bastantes desconfinças temos sobre o caso. Quasi que podemos assegurar que a sentença já estava de antemão preparada, porquanto jamais se viu condenarem-se indivíduos contra quem não há provas de crime.

O jornal da localidade *Noiticas de Évora*, que nunca se referiu ao caso, inseria no sábado passado, antes de ter sido pronunciada a sentença, uma local, que confirma as nossas desconfinças.

Terminaram ontem os debates na audiência geral, a que se tem vindo procedendo desde o dia 21 do corrente, tendo-se procedido depois a elaboração dos veredictos, sobre os quais o júri se deve pronunciar hoje.

Presume-se que a sentença seja lida hoje depois das 5 horas da tarde, esperando-se que os réus sejam absolvidos no 12, para os quais o advogado de accusação solicitou: 10 sejam condenados em penas leves e os restantes sofram castigo mais rigoroso.

Escrever-se isto quando toda a gente de bem, que há já seguido passo a passo todas as peripécias do julgamento, estava absolutamente convencida de que os trinta e um acusados seriam absolvidos, torna-se suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

Entre os condenados a pena maior figura o proprietário Miguel Faria, a quem os reacçãoários da terra não podem tolerar o seu espírito liberal, e o qual, por isso, se tornou suspeito. Ainda que este jornal não seja conveniente ao crime perpetrado, nós, homens de bem, podemos considerar a notícia venenosa, como excitando o júri a praticar a monstruosidade que praticou.

## A ACÇÃO DA C. G. T.

### RELATÓRIO DO COMITÉ CONFEDERAL

**A apresentar na reunião de hoje ao Conselho Confederal**

#### Campanha de protesto

Em face da acintossíssima perseguição movida à organização operária, privada da sede uma parte e outra impedida de reunir, e em vista das pressões em massa e da perseguição ao nosso órgão, nem por isso, como já acentuamos, deixou o Comité de reunir, apesar de ter a sua sede encerrada, não obstante três dos seus membros haverem sido presos.

Lançou o Comité um chamamento ao operariado organizado para uma campanha de protesto em todo o país, como se poderá ver pela circular n.º 4, que foi publicada na *Batalha*.

Chegou-se ainda, por parte de vários organismos da província, a desenharem o protesto. Mas o governo a breve trecho acabou por permitir que as sedes dos organismos encerrados reabrissem mandando também pôr em liberdade todos os operários que não estavam incriminados por qualquer acto contrário às leis.

#### Os transportes e a Revolução Russa

Pela Associação do Pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa foi entregue ao Comité um officio da Federação Internacional de Transportes com um questionário relativo ao envio de tropas e munições para os contrarevolucionários russos. Era um assunto importante, sobre o qual se deveriam pronunciar todos os organismos de transportes. Quem legitimamente se deveria pronunciar era a Federação de Transportes de Terra e Mar e a Federação Marítima. Mas a primeira não funcionava e a segunda não abrangia os transportes de terra.

Por tal motivo, o Comité partiu a iniciativa duma conferência de todos aqueles organismos, que teve lugar no dia 16 de Fevereiro e cujo relato saiu no n.º 394 de *A Batalha*.

#### Sobre a organização dos transportes

Al Comité Confederal, não passou despercebido o modo como estão organizados os trabalhadores de transportes em Portugal.

No Congresso de Coimbra assinaram os delegados de todos os organismos de transportes de terra e mar um pacto para que logo que a Lisboa chegasse, promovessem a fusão das Federações de Transportes de Terra e Mar e Marítima.

Factos posteriores impediram que se levasse a cabo aquele acordo. Entretanto os ferroviários aprestavam-se para levar a efeito um congresso corporativo, do qual sairia a respectiva federação de industria.

Os correios e telegrafos pensavam igualmente em dar aos seus organismos sindicais uma nova estrutura, constituindo o Sindicato Nacional das Comunicações.

Desorganização, assim, os transportes, mas ficaram existindo as duas federações atrás referidas, uma sem funcionamento e a outra não tendo no seu seio todos os sindicatos marítimos.

Afigurou-se ao Comité, portanto, que era necessário promover trabalhos tendentes a estabelecer uma aproximação, e estes seriam o estudo duma base onde se definisse qual deveria ser a forma a adoptar para que todos os organismos de transportes estivessem de futuro intelligenciados.

Assim procedeu e conseguiu que tanto a Federação dos Transportes de Terra e Mar como a Federação Marítima nomeassem uma comissão, para conjuntamente com delegados dos ferroviários, dos correios e telegrafos e do comité confederal, se procedesse ao referido estudo.

As greves que surgiram em quasi todas as classes, às quais pertencem os membros do comité, greves que se declararam também em classes de transportes e que igualmente deveriam nomear delegados para a elaboração desse estudo, impediram que se prosseguisse em tais trabalhos.

O conselho confederal, agora reunido, deliberará sobre o assunto.

#### A Casa dos Trabalhadores

Nos fins do ano transacto foram os organismos sindicais de certo modo ameaçados de ficar sem sede. Nessa altura a comissão nomeada pelo corpo editorial de *A Batalha*, sciende do facto, elaborou um *parecer*, tornado publico no n.º 305 do nosso órgão, segundo o qual se deveria nomear uma comissão destinada a adquirir uma casa para as organizações sindicais de Lisboa. O comité aceitou a ideia e imediatamente convidou a U. S. O., as Federações de Industria e os Sindicatos Unicos a nomearem delegados para constituírem a referida comissão.

Aqueles organismos, com o máximo entusiasmo, acorreram ao convite e a Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores ficou assim constituída: Pela C. G. T., M. J. de Sousa; pela *Batalha*, Alexandre Vieira; pela U. S. O. de Lisboa, Francisco Viana; pela Construção Civil, Joaquim Cardoso; pela Federação do Livro e do Jornal, Carlos Dias; pela Federação dos Empregados do Comércio, Jorge Campelo; pela Federação do Calçado, Couros e Peles, Carlos da Mata; pelas classes metalurgicas, Joaquim de Sousa; pela industria do mobiliário, Jilão Rodrigues; pelos Fabricantes de Armas, Luis Rozendo; pelo Arsenal de Mariha, Abel Pereira, etc.

Os resultados da propaganda em favor da Casa dos Trabalhadores, se não foram o que se esperava, foram contudo animadores e mais o seriam se a vida não estivesse continuamente a encaver, sendo por último aquela iniciativa altamente prejudicada com os recentes movimentos e com o seu desfecho.

Mas depois da tempestade virá a bonança, como se diz-se, e o que não se fez ontem conseguir-se há amanhã.

#### "A Batalha"

A situação financeira do órgão da C. G. T., por motivo da constante elevação dos preços de papel, material de impressão e salários, é periclitante. Embora o seu corpo editorial venha, possivelmente, trazer ao conselho confederal o relatório do seu estado financeiro, é nosso dever resumir aqui os trabalhos pelo comité levados a efeito para de algum modo ser prestado auxilio ao jornal, garantindo a sua regular publicação.

A administração de *A Batalha*, em face do acréscimo de despesa, e não dispondo de receita suficiente, expôs ao comité a situação. E este, como não podia deixar de ser, em vista do conselho confederal não poder reunir imediatamente, convidou as uniões de sindicatos próximas, as federações, os sindicatos nacionais e únicos para uma reunião, que se efectuou a 21 de Fevereiro, na qual foi exposta a situação difícil de *A Batalha*.

Dessa reunião saiu uma proposta para que pelos sindicatos fosse paga uma cota suplementar de 5 centavos por mês, destinado à manutenção do jornal.

Essa contribuição, porém, não se generalizou logo a todas as classes, porque algumas, e das mais numerosas, estavam a braços com reclamações para a consensual das quais foram levadas a greve.

E assim, enquanto os recursos monetários em pouco aumentavam, o papel de impressão continuava a subir de preço.

E para mais agravar a situação financeira do jornal, a autoridade, com uma sanha feroz, exercia a mais odiosa perseguição sobre *A Batalha*, impedindo que fosse publicada depois de estar já na casa de impressão, quando não a aprendia na rua.

Os prejuizos então redobramos, tendo o comité de fazer nova convocação daqueles organismos para o dia 24 de Abril.

Nessa reunião deliberou-se que todos os organismos que dispusessem de capital, cedessem as maiores quantias de que podessem dispor, a fim de que a publicação do jornal prosseguisse sem interrupção. Além disso, foi uma comissão nomeada para promover espectáculos e festivais para os seus lucros reverterem a favor do jornal.

#### Um inquérito

A insuficiência de indicações respeitantes às sedes de cada sindicato, ao seu número de componentes, aos esforços instrutivos e educativos que realizam, insuficiência que se observa em todos os organismos federativos e que se reflectia na C. G. T., levou o Comité a enviar a todos os organismos o inquérito que consta da circular n.º 3.

#### Congressos

Em 30 e 31 de Setembro p. p. efectuou-se, na cidade de Santarém o VI Congresso Nacional dos Empregados no Comércio e em 15 e 16 de Março do corrente ano efectuou-se, em Beja, o IV Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais.

Nos dois congressos foi a C. G. T. representada pelo secretário geral, decorrendo um e outro animadamente, tendo sido tomadas deliberações de grande valor, como consta dos relatos do nosso órgão na imprensa, pelo que nos abstermos de mais largas referências.

#### A cédula pessoal obrigatória

Noticiou a imprensa que o ministro das Finanças, entre outras propostas de novas contribuições e impostos, com os quais procura fazer face aos encargos do Estado, incluindo aqueles que foram provocados pela guerra, pretendia criar a cédula pessoal obrigatória.

O comité confederal, em face da ameaça, que pesa sobre a classe trabalhadora, por uma nota officiosa, convidou os organismos sindicais a lavrarem o seu protesto, em todas as reuniões que effectuassem.

Assim tem acatocido. Entende, porém, o Comité que aqueles protestos são demasiadamente apagados, e embora constituam uma manifestação de repulsa, não representam, todavia, um protesto maníaco, nem revestem a eloquência requerida em tais transes.

Demasiados encargos pesam já sobre os operários, pois além de vítimas da lei de bronze, já são eles que, indirectamente pagam todos os impostos e contribuições, com que se mantém o Estado opressor e sanguessuga. E seria o caso, tendo os assalariados sofrido as principais e mais cruéis consequências do latrocínio burguês e capitalista, cuja desenfreada ambição contribuiu para o desequilíbrio económico e financeiro actual, tivessem ainda que sujeitar-se ao pagamento dum imposto directo, que, além de mais vir agravar a sua já precaríssima situação, representaria uma nova humilhação.

ma campanha uniforme de protesta-

to se impõe, pois, para se repeller a cédula pessoal obrigatória, que deverá ser levada a efeito pelo conselho, quando o vulgar oportuno.

#### Propaganda na provincia

Ao Comité tem sido endereçados vários pedidos para o envio de delegados à provincia, pedidos que não poderam ser logo satisfeitos em virtude de determinadas deficiências



